

João Paulo Silvestre

Definição e uso dos termos *fábula* e *fabuloso* em textos metalinguísticos no século XVIII

in *Forma Breve. Revista de literatura*. 3, 2005, pp. 159-167. ISSN 1645-927X.

Resumo: Os textos metalinguísticos do século XVIII testemunham o uso das palavras *fábula* e *fabuloso* na língua portuguesa, em contextos que não se limitam à reflexão sobre os géneros literários. Nos textos que descrevem costumes, mitos, práticas religiosas e casos prodigiosos, a classificação do discurso como *fabuloso* pode transmitir julgamentos de valor motivados pela reacção à heterodoxia.

1. No final do século XVII, os textos em que se encontram descrições de povos, costumes, mitos, práticas religiosas e casos prodigiosos constituem um património volumoso, com uma continuada difusão através de folhetos volantes, relações de viagens e tratados geográficos. O interesse por esse fundo literário foi particularmente cultivado em França pelos autores dos novos dicionários em vernáculo, dedicados à informação geográfica e histórica, e mesmo em dicionários de língua que ensaiam uma configuração de tipo pré-enciclopédico.

Os termos *fábula* e *fabuloso*, além de designarem os textos de cariz moralizante filiados na tradição greco-latina de Fedro e Esopo, tornam-se frequentes nas obras que compendiam as narrativas respeitantes aos povos orientais e africanos, muito devido à obrigação de rotular as religiões não-católicas como paganismo.

O emprego destes termos e a transposição destes textos para a língua portuguesa têm representantes em Portugal desde o início do século XVIII, especialmente no *Vocabulario Portuguez e Latino* de Rafael Bluteau, que na sua obra de 10 volumes reúne a mais extensa e diversificada recolha de relatos de factos classificados como *fabulosos*, até então publicada em português.

Neste trabalho, partindo de uma leitura desse *corpus* textual, pretendo apresentar excertos que ilustrem o estabelecimento do significado dos termos *fábula* e *fabuloso* na língua portuguesa, bem como de expressões e palavras com eles relacionados, como *apólogo*, *história profana*, *patranha* e *superstição*.

2. Os autores de dicionários históricos, geográficos, biográficos, ou mesmo dicionários de língua ensaiam projectos de condensação do saber, em que têm lugar notícias sobre as crenças e costumes dos povos não-europeus, a par de temas já tradicionais como a mitologia greco-latina e os factos narrados nos textos bíblicos. Estas sínteses eruditas atraem a atenção dos letrados urbanos e tornam-se em sucessos editoriais, e é lícito supor que teriam uma recepção muito próxima à que actualmente associaríamos ao texto científico ou a um trabalho académico.

A configuração dicionarística que muitos adoptam, abrindo caminho para a futura enciclopédia, facilita a tradução dos conteúdos para os dicionários de outras línguas românicas, transmitindo simultaneamente o fundo documental que servia de suporte informativo aos artigos destes dicionários especializados.

Uma das principais obras de finais do século XVII, que no próprio título denuncia a intenção de resumir e indexar informação dispersa em várias fontes, é a *Bibliothèque orientale, ou dictionnaire universel contenant généralement tout ce qui regarde la connoissance des Peuples de l'Orient, leurs histoires et traditions véritables ou fabuleuses* (1697) de Barthélemy d'Herbelot (1625-1695).

No prólogo, além de se sublinhar o aspecto da fruição da leitura dos relatos das culturas do oriente, aponta-se o valor documental dos textos fabulosos, enquanto testemunhos da *historia profana*. O autor pretendeu responder ao interesse intelectual pelas narrativas dos textos do Alcorão, não necessariamente numa perspectiva marcada pela condenação das crenças.

Ceux qui font une etude particuliere de l'Histoire, observeront que l'Histoire telle que nous l'avons, en y comprenant l'Histoire sainte avec la profane, a été jusques à present defectueuse, en ce que celle ci dont nous parlons, qui en fait partie, lui manquoit. A l'égard de l'Histoire sainte, ne sçaurons-ils pas bon gré à M. Dherbelot, de leur avoir procuré la connoissance de ce que les Mahometans en croyent? car, soit que leurs Traditions soient fausses, ou qu'elles soient veritables, il est toujourns très agreable de les connoistre, & l'on peut encore en tirer de l'utilité pour disputer avec eux touchant leur Religion [...] Quant à l'Histoire profane, on peut tomber d'accord avec ceux qui y feront reflexion, que l'Histoire des plus anciens Roys de Perse [...] est remplie de beaucoup de fables. Mais, que l'on considere les premiers temps de telle Histoire que l'on voudra, je ne parle point de celle qui est renfermée dans les Saints Livres, peut-on en produire quelqu'une qui ne soit fabuleuse dans son origine? Parmi les titres de la Bibliothéque Orientale, il y en a plusieurs d'animaux terrestres & aquatiques, d'oiseaux, de plantes, de drogues, & d'animaux fabuleux, qui paroistron hors d'oeuvre à quelques uns. Mais ceux qui cherchent à s'instruire de toutes choses, en sçauront bon gré à M. Dherbelot [...] (Herbelot, 1697: prólogo).

No *Grand dictionnaire historique* de Louis Moreri, que conheceu sucessivas reedições ampliadas desde 1694, os conteúdos abarcam a *história sagrada* e a *história profana*, incluindo nesta uma síntese de «l’histoire fabuleuse des dieux & des Heros de l’Antiquité Payenne», como se lê na folha de rosto.

Os termos *fábula* e *fabuloso*, além do domínio literário, passam a classificar também domínios do conhecimento, numa avaliação que tem como padrão aferidor a indiscutível veracidade dos episódios bíblicos. O *Dictionnaire Universel* (1690) de Antoine Furetière regista no artigo FABLE três acepções que na época são comumente aceites: texto de objectivos moralizantes ou lúdicos, em que as personagens são animais ou objectos animizados; história ficcional que faz parte do texto épico ou dramático (i.e., a mitologia); sinónimo de *falsidade*.

FABLE. subst. fem. Fiction d’un entretien de deux ou de plusieurs animaux, ou de choses inanimées, d’où on tire quelque moralité ou plaisanterie. Il y a de belles moralitez dans les *Fables* d’Esopé, de Phedre, &c. [...]

FABLE, se dit aussi de la fiction qui sert de sujet aux Poèmes Epiques & Dramatiques, & aux Romans. La belle disposition de la *Fable* est aussi necessaire dans un Poëme, que celle des figures dans un tableau.

FABLE, signifie aussi absolument, Fausseté. Tout ce que les Payens ont dit de leurs Dieux sont des *Fables*. l’Histoire du lyon baptisé par St. Paul, que quelques-uns attribuoient à St. Luc, est une *fable*, dit St. Hierosm. *de Script. Eccles.*

On dit proverbiallement, qu’un homme est la *fable* du peuple, pour dire, qu’il est tourné en ridicule, méprisé dans toutes les compagnies ou on parle de luy. [...] (Furetière, *Dictionnaire*, s.u.).

FABULEUX, EUSE. adj. Qui est faux, inventé à plaisir. L’antiquité *fabuleuse* a bien abusé de la credulité des peuples. les mysteres des Dieux *fabuleux* des Payens ne laissoient pas de contenir quelques veritez morales (*ibidem*).

O *Vocabulario* de Rafael Bluteau apresenta uma definição em que já são consideradas as acepções estabelecidas pelos dicionaristas franceses. Para a definição do termo na língua portuguesa, o lexicógrafo tem em conta a existência da palavra *apólogo*, que no seu entender designa com mais propriedade o tipo específico de texto da tradição greco-latina. Assim, neste dicionário instituidor, *fábula* significa genericamente toda a narração inventada, em que a ficção não se aproxima da realidade, e o *apólogo* (com as personagens animais ou

objectos animados) é somente uma das concretizações possíveis de entre as criações literárias fabulosas:

FABULA. Derivase do verbo Latino Fari, que quer dizer Fallar, & no seu primeyro sentido Fabula, em Latim val o mesmo, que Falla, pratica, colloquio, & cousa, em que commümente se falla. He pois Fabula huma narraçã inventada, & composta, de successos, que nem saõ verdadeiros, nem verosimiles, mas com curiosa novidade admiraveis, como a transformação de Daphne em Lourayro, de Narcizo em flôr, &c. (Bluteau, *Vocabulario*, s.u. Fabula)

APOLOGO. Especie de fabula moral, em que se introduzem animaes, arvores, & outras cousas inanimadas fallando, & dizendo cousas de que se pode tirar alguma doutrina. Apologus, i. Masc. Fabula, ou fabela, ae. Fem. Cic. (Bluteau, *Vocabulario*, s.u. Apologo)

O artigo de Bluteau dedica à palavra *fábula* é extenso, nele confluindo informações sobre codificação literária, mitologia e temática religiosa, todas relevantes para o conhecimento da delimitação do uso do termo na língua portuguesa no início do século XVIII.

A *fábula pagã* é a designação que se aplica às diversas mitologias, mas também aos relatos atribuídos à imaginação de Homero ou Platão. De acordo com a explicação do lexicógrafo, muitas seriam inspiradas nas narrativas dos textos bíblicos, adulterando-as:

Segundo S. Agostinho, no tempo dos juizes de Israel começaraõ as fabulas do paganismo. Dos primeyros livros da Sagrada Escritura tomou a Gentilidade os fabulosos mysterios da sua Theologia. No que chama Empedocles Demonios cahidos do Ceo, se ve a ruina de Lucifer, & dos Anjos, seus sequazes. A Deosa Cibele, o mais antigo de seus Numes, & Mãe de todos os homens, em que se representa a Terra, he Adaõ, & Eva, cabeças do genero humano, & compostos de terra. O Chaos dos Phenicios, as trevas do Egypto, & o ar espirital, ao qual os antigos Poetas, & Philosophos constituiraõ principio, sahiraõ do que diz o Genesis, que a terra era vacua, & nua, que cobriaõ as trevas a face do abysmo, & que nanadava o Espirito do Senhor sobre as agoas. O Androgyno de Plataõ, aquelle homem molher, he huma corrupçã do Texto de Moyses, que diz, que criara Deus o homem, Macho, & femea, & que fora formada a molher de huma costela do homem. O Jardim das Hesperidas em que guardava hum Dragaõ maçãas de ouro; he o Jardin de Eden, ou Parayso Terreal, em que havia huma maceyra, com huma Serpente enroscada nella; ou o Jardim de Alcinoõ, descrito por Homero; he o Paraizo das delicias do primeyro Rey do mundo. (Bluteau, *Vocabulario*, s.u. Fabula).

Na origem, o apólogo («Fabula, em que se fazem fallar animaes, como as de Esopo, de Phedro, &c.» (*ibidem*)) é directamente inspirado em passagens bíblicas, distinção esta que procura sublinhar a autenticidade inequívoca desses episódios, enquanto os demais são fantasias que os imitam:

Da Serpente, que praticou com Eva, do jumento de Balam, que fallou, da vara de Moyses transformada em Serpente, da molher de Loth convertido numa estatua de Sal, aprenderão a fazer fallar animaes, arvores, rios, & a fazer innumeraveis metamorphoses, ou transformações de pedras em homens, de corpos humanos em plantas, de ares em fontes, & rios (Bluteau, *Vocabulario*, s.u. Fabula).

A designação de *história fabulosa*, equivalente a *história profana*, demarca os limites daquilo que pode constituir crença ou heresia. Os termos *fábula* e *fabuloso* são indistintamente aplicados para referir as narrações ficcionais que transmitem ou personificam valores morais, propondo explicações para factos ou dogmas religiosos.

A historia fabulosa, assi se chama a historia prophana dos seculos, em que conforme a opinião dos Antigos, viviaõ os falsos Deoses dos Gentios, como Saturno, Jupiter, Apollo, &c. Historia fabularis. Sueton. O que he fabuloso, ou o que cheira a fabula em huma narração poetica. Fabulositas, atis. Fem. Plin. (Bluteau, *Vocabulario*, s.u. Fabuloso).

Naõ só os mysterios da Religiã, mas tambem successos, & moralidades ficaraõ misturadas, & envoltas com as fabulas; a Secca universal, que abrazou todo o mundo, com a fabula de Phaetonte; o estudo, com que El-Rey Atlante contemplava o curso, & movimento das Estrellas com a fabula de trazer o ceo aos hombros; a especulação com que Endimion observava todas as noytes os effeytos do Planeta mais vizinho à terra, com a fabula dos seus amores com a Lua; o amor, & complacencia de nos mesmos com a fabula de Narciso; a riqueza sem juizo, com a fabula de Midas; a inconstancia da Fortuna mais alta, com a fabula, & roda de Ixion; a cobiça insaciavel, com a fabula de Tantalos; a inveja do bem alheo, com a fabula, & Abutre de Ticio; o perigo de tomar no exercicio da virtude o caminho do meyo, sem declinar aos vicios dos extremos, com a fabula de Scylla, & Charybdis; & finalmente a certeza da morte, & incerteza da vida pendente sempre de hum fio, com a fabula das Parcas (Bluteau, *Vocabulario*, s.u. Fabula).

Naõ obstante estarmos em presença de um universo de referência culturalmente prestigiado e valorizado pela tradição literária, subsiste a preocupação em sublinhar incessantemente

a falsidade de todas as religiões pagãs, ídolos, prodígios e rituais da gentildade que, de acordo com Bluteau, «quanto mais extravagantes são, mais acreditaõ as solidas verdades da nossa Sagrada Theologia» e «as ridiculas fabulas, que delles se contaõ, nos devem servir de motivo para dar graças a Deos, de nos ter allumiado com a doutrina do Euangelho» (Bluteau, *Supplemento* I: «Ao leitor impertinente»). A redacção destes artigos obedece às cautelas que a censura inquisitorial portuguesa impõe, recorrendo a expressões modalizantes como *fabuloso*, *patranha*, *fingiram os Poetas*, que afastam o perigo de o lexicógrafo ser acusado de propagar heresias, ainda que de forma involuntária.

Trata-se de um conjunto de marcas que por norma não ocorrem nos dicionários franceses que Bluteau usa como fonte: «fingio a Fabula, que Cadmo, e Hermiona foraõ mudados em Serpentes» (s.u. CADMO); «fingiraõ os Poetas, que fora transformado em Astro [...] foy reputado invencivel pela virtude de hum cabello, que (pelo que dizem) lhe tinha pegado na cabeça, depois de o tirar da de Minerva» (s.u. CEPHEO); «A Fabula de Geryaõ era huma patranha da Phenicia, cuja explicação he esta» (s.u. GERYAO); «Os Authores não só Christãos, mas tambem Gentios, zombaraõ deste ridiculo, e fabuloso Deos dos Egypcios» (s.u. ANUBIS).

O termo *patranha* é frequentemente empregue para classificar as crenças de povos orientais e africanos, num período em que o reconhecimento de outras culturas traz notícias de diversas teogonias e explicações *de origine*. Nestas novas "mitologias" os deuses já não podem ser equiparados a personagens literárias confortavelmente admitidas como recursos da composição poética, e devem ser desautorizados porque constituem um obstáculo para os ideais de missão dos católicos europeus.

PATRANHA. Conto fabuloso. Segundo Cobarruvias derivase à patribus, porque he de pays velhos contar patranhas, & assim os Latinos lhes chamão Fabulae aniles, contos de velhas. He de Quintiliano, que tambem lhes chama, Nutricularum fabulae, contos das amas aos rapazes (Bluteau, *Vocabulario*, s.u.).

Finalmête com patranhas inventadas arremedou o Demonio os mysterios da Christandade, fomentando com a admiração dellas a necia credulidade dos povos; porque com os animos humanos mais póde a pompa de magnificas mentiras, que a lisura de sinceras verdades (Bluteau, *Vocabulario*, s.u. Fábula).

Os termos *fábula* e *fabuloso* neste dicionário convertem-se em classificadores que transmitem uma apreciação acerca das proposições contidas nos textos. A presença ou ausência destas marcas denota a aceitação dos factos e a probidade dos factos narrados, deixando perceber a posição do autor — e em larga medida a da sociedade que reflecte — acerca de domínios da vivência humana e espiritual que tocam os limites entre o lícito e o condenável. Entre outros possíveis exemplos, procuro no *corpus* textual disponível os julgamentos acerca dos domínios da magia, do prodígio e da superstição. Uma vez estabelecido o significado de *fabuloso* e dos demais termos atrás referidos, a precisão dos sentidos em domínios semânticos geralmente associados será mais rigorosa.

A magia em geral e os relatos de actos de feitiçaria não são classificados como *fabulosos*, já que os princípios religiosos católicos previam a intervenção do demónio sob a forma de manifestações mágicas: existindo o demónio, existe magia e o poder daqueles que a executam mediante um pacto.

MAGIA. Os que negão a Magia, caminão para o Atheismo. Por não confessarem, que há demonios, dizem que não há Magos; & para porem em duvida a existencia de Deos, negão tudo o que se attribue ao poder do demonio. Além das noticias que nos dá a sagrada Escritura da evocação da alma de Samuel pela Pythonissa, dos magos de Pharaó, & de Simão Mago, em gravissimos Authores se faz menção de prodigiosas obras Magicas (Bluteau, *Vocabulario*, s.u.).

FEITICEIRO. Homem, que com Arte Diabolica, & com pacto, ou explicito, ou implicito faz couzas superiores ás forças da natureza. Contra a obstinação de certos incredulos, ou Atheos, que por não confessarem, que ha Deos no mundo, negão haja Demonios, & pelo consequente não admittem feitiços, temos temos provas, & certeza delles na razaõ, experientia, & na sagrada Escritura (Bluteau, *Vocabulario*, s.u.).

Os *prodígios* — humanos ou naturais — podem ser classificados como reais ou fabulosos, sujeitando-se a uma avaliação da razão. Tratando-se de uma facto extraordinário, entra na esfera do *milagre*, quando atribuível a «obra sobrenatural, & superior à força dos agentes naturaes» (s.u. Milagre):

PRODÍGIO. Cousa extraordinaria, natural, ou prenatal ou sobrenatural, que parece persaggio de algum bom, ou mau successo. Querem alguns que prodigio seja antifrasi, com o qual se significão effeytos extraordinarios, dos quaes a natureza não he prodiga. Prodigio tambem se

toma por milagre; em varios lugares dos Actos dos Apostolos se chamão Prodigios os milagres que os Apostolos obráraõ (Bluteau, *Vocabulario*, s.u.).

MILÁGRE. Obra da Omnipotencia Divina, como quando se diz, a conservação do mundo he hum perpetuo milagre da Divina Providencia; ou obra sobrenatural, & superior às forças dos agentes naturaes (Bluteau, *Vocabulario*, s.u.).

Os prodígios narrados nos textos bíblicos não são *fabulosos*, o que torna admissíveis os prodígios similares. Nos casos em que a verdade bíblica não pode ser convocada como aferidor, os prodígios justificam uma análise racional e uma releitura dos autores "graves", cujas informações antes eram repetidas acriticamente.

GIGANTE [...] Deixadas as fabulas, que há dos Gigantes, a saber, que foraõ homens de enorme grandeza, com pés, a modo de cauda de Dragaõ, que nos campos de Phlegra ajuntaraõ montes huns sobre outros para entrarem o Ceo a escala vista, que foraõ fulminados por Jupiter, & enterrados debaixo de diversos montes. Importa saber, se na realidade houve Gigantes, entendendo por este nome, homens de grandeza, & estatura muito superior á ordinaria estatura, & grandeza do corpo humano. Em primeiro lugar he certo, que houve homens de mais de seis cubitos de alto; porque no Livro 1. dos Reys, cap. 17. diz o Texto Sagrado, que tinha Goliath seis cubitos, & hum palmo de alto; & he provavel, que naõ foi Goliath o único homem desta extraordinaria estatura. [...] Para se dar credito a muitas relaçoens de Gigantes, as quaes se achaõ em Autores gravissimos; seria necessario ver, & examinar bê o que elles viraõ. Affirma Santo Augustinho ter visto na Cidade de Utica hum dente tamanho, que delle se podiaõ fazer cem dos nossos. Segundo esta centupla proporçaõ, (se este dente era de homem) a sua cabeça havia de fazer cem das nossas, & assim das mais partes do corpo [...] Estas, & outras relaçoens de viagens, & jornadas em terras estranhas, se achaõ muito diminutas, quando coriosos investigadores da verdade se empenhaõ em averiguar as noticias (Bluteau, *Vocabulario*, s.u.).

As práticas e crenças da esfera da *superstição* são sempre classificadas como *fabulosas*, pois são definidas como «culto, não devido ao verdadeyro Deos, ou a algum Idolo, ou falso, & fabuloso Nume» (s.u. Superstição). As orações inadequadas, idolatrias, adivinhações, rituais mágicos e visões são, por conseguinte, *superstições*, todos *fabulosos* porque não têm fundamento na fé católica.

As **superstições** destes povos são infinitas. **Imaginaõ** que os mortos se fazem puros espiritos, que sabem tudo, & se metem em todos os negocios, concernentes à sua familia. Chamão louva a hü passaro, que põem seus ovos no chão; he do tamanho da cotovia; & lhe tem tão grande respeyto, que pizandolhe acaso os ovos, tem por certo, que todos os filhos de quem commetteo tão grande sacrilegio, morreraõ. Os seus Sacerdotes, que derão a esta **patranha** grande credito, logo vaõ buscar aos sacrilegos; & com certas palavras os absolvem, & declarã livres de todo o castigo, com tanto, que todo o tempo de sua vida naõ comaõ carne do dito passaro, & ao primeyro filho, que tiverem, lhe dem por nome o do dito passaro, a saber, Souva. Africa de Dapper. 261. (Bluteau, *Vocabulario*, s.u. Quoja).

O *Vocabulario* é redigido por um padre teatino, uma ordem criada no contexto da contra-reforma e consagrada ao combate militante contra da heterodoxia religiosa. Rafael Bluteau exerceu em Portugal o cargo de qualificador da Inquisição e não poderia admitir na sua obra menos do que era exigido às que censurava: uma postura intransigente face às heresias e cultos pagãos.

Num discurso que se pretende inequivocamente marcado por juízos de valores, as palavras *fábula* e *fabuloso* (e outros termos aproximáveis) são constantemente invocadas como estratégia de destituição de racionalidade, remetendo para um universo fantasioso as religiões e as práticas culturais de outros povos.

Fontes citadas:

BLUTEAU, Rafael (1712-1728). *Vocabulario portuguez e latino [...]*. Tomos I e II: Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712; tomos III e IV: Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1713; tomo V: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1716; tomos VI e VII: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1720; tomo VIII: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1721; suplemento I: Lisboa, Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1727; suplemento II: Lisboa, Na Patriarcal Officina da Musica, 1728.

FURETIÈRE, Antoine (1690). *Dictionaire Universel, Contenant generalement tous les Mots François tant vieux que modernes, & les Termes de toutes les Sciences & des Arts [...]*. La Haye & Rotterdam, Arnout & Reinier Leers.

HERBELOT, Barthélemy d' (1697). *Bibliothèque orientale, ou dictionnaire universel contenant generalement tout ce qui regarde la connoissance des Peuples de l'Orient, leurs histoires et traditions veritables ou fabuleuses*. Paris, Compagnie des libraires.

MORERI, Louis (1699). *Le grand dictionnaire historique ou le mélange de l'histoire sacrée et profane [...]*. Paris, Jean-Baptiste Coignard. (1ª edição: Lyon, Iean Girin & Barthelemy Riviere, 1674).

